

## ***El Minero* nas Ilhas GALÓPAGOS**

**Gustavo Cerqueira Guimarães**

Às vésperas de mais um jogo internacional do Atlético Mineiro, a narrativa conta a saga de Miro, ex-professor de Educação Física que acompanha o Galo em terras sul-americanas. Ele sempre viaja para ler e escrever textos literários, sem a intenção de publicá-los, como o seu tio-avô, o Belmiro Borba (1897-1984), um amanuense, que passou a vida inteira escrevendo diários e ensaiando um romance. Dele, além da intimidade com a escrita, herdou o nome e a casa na Rua Erê, no Prado, em Belo Horizonte.

Esta ficção é parte da série "*El Minero: o atleticano, enfim, conhece a América Latina*", originalmente escrita para o portal *Ludopédio* e reescrita para a *FuLiA / UFMG*.

Gustavo é professor, pesquisador, editor e poeta, autor dos livros *Língua* (Selo Editorial, 2004) e *Guerra* (inédito). Graduado em Letras e Psicologia. Mestre e doutor em Estudos Literários pela UFMG, onde realiza pesquisa de pós-doutorado com projetos na linha de pesquisa Literatura, outras Artes e Mídias.

Site: [www.gustavocerqueiraguimaraes.com](http://www.gustavocerqueiraguimaraes.com).



Miro foi para o Equador para assistir ao jogo do Atlético Mineiro, em Sangolquí, região metropolitana da capital, pela Copa Libertadores, contra o Independiente del Valle. Acordou na madrugada de domingo, anterior ao jogo, e enfrentou uma cansativa viagem de Belo Horizonte a Quito, passando pelo Rio de Janeiro e pela Cidade do Panamá – CNF-GIG-PTY-UIO.

Como sempre, ele leva sua caneta multicolor para escrever seus pensamentos no caderno, um misto de diário de campo com diário íntimo. Assim, passa a prestar mais a sua atenção aos sons e aos detalhes inusitados das ruas das cidades, pelas quais procura andar a pé, predisposto continuamente a riscos e reveses.

Miro joga o jogo jogado pelos passantes das ruas e invariavelmente se distrai a mirar as outras pessoas, vendo em cada rosto a sua própria cara, como quem vê sua antiga 3x4 num álbum de fotografia alheio, partícipe da memória dos outros. Em momentos assim, ele costuma parar para escrever, imaginar. Escreve muito. “Talvez, em algum instante, eu consiga sintetizar tudo num gol”.

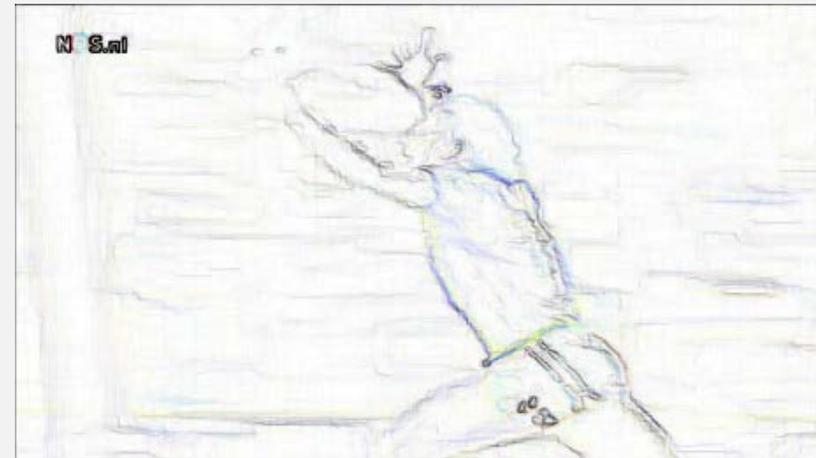
Ele vem arquitetando um texto que amalgama o futebol e a escrita, ora no ataque e ora na defesa. Nesse metatexto, a ambiguidade dos sujeitos da trama é sempre muito bem-vinda. E pensa que gostaria de escrever como o Toninho Cerezo jogava; pelo meio, com leveza, raça, inteligência e dinâmica tática. Quando era preciso se defender, Cerezo se fixava na cabeça da área, plantado, como um jogador de botão a ocupar todo esse espaço. Outras vezes, podíamos vê-lo entre as duas intermediárias do campo, sempre perto da jogada, como um peladeiro.

Ao mesmo tempo, o nosso professor gostaria de escrever como o Éder tocava, cruzava e chutava, com objetividade e força. A Bomba de Vespasiano mandava seus petardos inesperados de longa distância para o gol. Era ousado. Ele chamava o jogo para si e impunha acelerações e desacelerações desconcertantes ao longo de toda a partida; fazia cruzamentos, passes curtos, tabelas rápidas, retenções de bola e lançamentos longos... Ele chutava a bola para o gol de bico, chutava de peito, chutava a bola de trivela. Algumas cobranças de falta o ponta-esquerda batia de chapa, colocando com jeito a bola na rede. Ao comemorar, sua graça e seu modo explosivo eram

traduzidos pela torcida a vociferar: ÉDER, DOIDÃO, O TERROR DO MINEIRÃO! ÉDER, DOIDÃO, O TERROR DO MINEIRÃO!

Miro viu O Canhão barbarizar e fazer o golaço da virada da seleção brasileira contra a União Soviética na estreia da Copa do Mundo de 1982. Ali, aos sete anos, por conta da comemoração incrível do novo ídolo, ele compreendeu que seria mesmo brasileiro, atleticano e Éder, pois queria sempre comemorar gols daquele jeito maluco – dionisíaco, viria a saber uma dia.

“Como um gol pode mudar o estado de uma nação?”



Para assistir ao vídeo é necessário baixar este PDF e abri-lo no seu computador. Recomenda-se o uso do Adobe Reader ou Foxit.

Para a viagem ao Equador, ele queria levar livros que falassem de mar, porque estava cogitando a possibilidade de visitar o litoral, talvez as Ilhas Galápagos. Miro, ex-professor de Educação Física, sente-se um pouco deslocado por que gosta de ler e escrever textos ficcionais. Nenhum de seus colegas tem hábitos semelhantes.

Neste giro, jurou que não levaria qualquer literatura que tratasse de futebol, sua leitura predileta. E, por indicação do livreiro, levou um poeta que nunca tinha ouvido falar – o Alberto, um português. Levou também a narrativa *La búsqueda*, do equatoriano José Hidalgo Pallares, que conheceu ao ler *Sábados de fútbol*. Para ele, além de entretenimento, a ficção futebolística serve para pensar melhor a cultura e sua própria relação diária com o esporte, afinal, eventualmente, ainda treina equipes de futebol infantil.

Além do cuidado diário com o corpo, Miro tem escrito quase todos os dias, como o seu tio-avô, o Belmiro Borba, um amanuense, solteirão como ele, que passou a vida inteira a escrever diários e ensaiando um romance. Dele, além da intimidade com a escrita, herdou o nome e a casa no Prado, na

Rua Erê. Ele imagina que um possível futuro leitor de seus diários sinta seu texto como a expressão literal de uma vida. Miro tem viajado constantemente para escrevê-la.

Neste momento, ele lê seu livro de poemas e adormece. E, já na segunda-feira, acorda noutra país, no limite entre os hemisférios norte e sul, onde atravessa a linha, imaginária, do Equador. A valer, Miro meio distraído, meio ensimesmado, só percebe que estava fora do Brasil à mesa do café da manhã do hotel, bem cedinho.

— *¿Buenos días señor, quieres huevo rivuelto?*

Come os ovos, recobre-se e lê brevemente as principais notícias dos jornais – *Independiente es Ecuador hoy en la Libertadores contra el Minero*.

Após o café, Miro vai a Sangolquí para comprar os ingressos do jogo do Atlético. Depois, come comida típica, a crioula, e caminha feito um biruta sem saber muito bem para onde ir. Ele está confuso, com sono, e não sabe se volta para o hotel. Anota algumas frases que pensa ao andar: “Somos feitos para explorar outras geografias / explorar limites do/no corpo”.

Já que está na cidade onde será o jogo de quarta-feira, o ex-professor resolve visitar o estádio onde o Galo se exhibirá. Por puro acaso, assiste ao treino do time ao cair da tarde. De pronto, vê o craque à beira do campo e pensa: “Esse cara não tá em perfeitas condições de jogo”. E continua a pensar, agora, em voz alta: “Aquele de bigode ali, ó, tem mais pegada pra esse jogo”. E seus olhos se cruzam com os olhos do atacante e, por alguns instantes, sente vibrar em seu próprio corpo a força desse jogador. Miro está a 20 metros do gramado e comenta com quem está ao lado: “Que campo terrível! Como a federação permite partidas aqui? Seria bem melhor se jogássemos em Quito, não...? Mas, enfim, esta é a casa deles, né?”. Anota: “Estádio Rumiñahui, capacidade baixíssima: sete mil lugares”.

No decorrer do treinamento, Miro dispensou a sua atenção à defesa, observando o Victor e o Marcos Rocha. Gritou, cantou o hino e pensou ao olhar para os 27 torcedores que ali estavam pelo mesmo motivo, meio sem sentido e pensou: “Será que o pessoal do Galo tá em todo lugar do mundo?” E anotou em letras garrafais: NAS ILHAS GALÁPAGOS NÃO HÁ ATLETICANOS.

Miro foi embora antes do treino acabar. Ao anoitecer, já estava no centro de Quito, onde comeu milho cozido e retomou a caminhada em direção ao hotel, momento no qual é abduzido por uma moça para dentro de uma loja de turismo.

— *Señor, hay un vuelo directo que sale a las ocho y llega a las diez en Galapagos. El vuelo de regreso es jueves, señor, jueves a las dos...*

— ?!?

— *Hay un vuelo directo a su destino soñado. El vuelo de regreso es jueves, señor, a las dos... Esperamos que disfrute, papito!*

Miro acaba de embarcar para as Ilhas Galápagos. Ele só havia perguntado, por pura curiosidade, como chegar à ilha mais povoada do arquipélago, Puerto Ayora.

Agora, de dentro do avião, ele escreve: “Hoje, é segunda-feira, *lunes*, e eu juro que saberei para sempre como chamar os dias da semana *en la lengua hermana* (ppp) \_\_\_\_\_. *Lunes, Martes, Miércoles, Jueves, Viernes*”. Miro está sobrevoando o Oceano Pacífico, indo para Galápagos. Ele, precipitadamente, pagou com o cartão de crédito o megapacote promocional *Galápagos: tres días y tres noches en la isla con los animales*

*nunca vistos*, como anunciado no cartaz fora da loja. No entanto, o voo de volta sairia somente na quinta-feira, *jueves*, no final da tarde, um dia após a partida do Atlético. Ou seja, Miro confundiu os nomes dos dias da semana, pois pensou que *jueves* fosse quarta-feira.

Ele saiu da capital mineira com destino a Quito, passando pelo Rio de Janeiro e pela Cidade do Panamá, exclusivamente para assistir a esse jogo no Equador, mas percebeu, somente no hotel, que havia comprado a passagem de volta para o dia posterior ao jogo e foi às pressas para o aeroporto para tentar devolver ou trocar as passagens.

— *No, no hay posibilidad, señor. Tarifa promocional no hay ninguna posibilidad de cambio. El avión ya está cerrando las puertas. Última llamada... ¿Se embarca, señor?*

agora  
pela janela do avião vejo como tudo é mínimo  
lá em baixo – quando a oriente da loucura  
a mão cinzenta perdura no rosto  
daqueles que sonolentos viajam dentro  
deste pequeno túmulo de serenidade.

Em seu caderno, o ex-professor anota estes versos de um trecho do livro que lia, deparando-se com o que tinha escrito no dia anterior: “Tenho pavor de avião, mas confesso que seria a melhor de todas as mortes – me parece”.

Chegando à ilha, Miro vai direto para uma pousada no centro de Puerto Ayora, vila de 18 mil habitantes. “Há carros em Galápagos, há muita gente por aqui, não estou sozinho,ilhado, apesar de quase tudo ser mar”, escreve de dentro do táxi.

Já passa de 1h da manhã, já é *martes*, e Miro sai a pé à procura de algo para comer. Desde o almoço, só havia comido uma espiga de milho. Ele não come em viagens de avião, receia passar mal.

Ao andar pelas ruas, ele ouve tocar um som eletrônico ao longe e diz em voz alta: “Ca-ra-lho, é aquela música do Digitaria!” E escreve em seu caderno: “Digitaria faz vibrar muito o meu corpo – ondas no Pacífico”.

Mais abaixo, ao lado, escreve: “— Desculpa, cara, mas se eu não te tocar agora vou perder toda a naturalidade, você dizia me olhando. E, extasiados, dançamos o *Masochist* fodendo para

caramba, lembra-se? E mando um recado para você nas entrelinhas dos meus textos de futebol”.

Agora, ao chegar num bar, atraído pela música, percebe que é o duo belo-horizontino Digitaria quem está colocando o som para uma centena de pessoas, um terço delas com camisas e bandeiras do Atlético. “HÁ ATLETICANOS NAS ILHAS GALÁPAGOS. E mais: há uma torcida organizada do Atlético na ilha: LA GALÓPAGOS”, escreve, já ambientado, entre goles de cerveja.

Na quarta-feira, os torcedores se encontrariam nesse mesmo bar para assistir ao jogo contra o Independiente del Valle. Já, nessa altura, Miro se concentra apenas na escalação do time, a fim de desenhar, durante os 90 minutos, o bailado do jogo em sua cabeça: Victor; Marcos Rocha, Réver, Luizinho e Paulo Roberto; Cerezo, Paulo Isidoro (Gilberto Silva) e Ronaldinho; Sérgio Araújo (Marques), Gérson e Éder.

Miro pouco olhou para o telão, estava mais interessado nas pessoas e nas bebidas. No bar, onde sempre exibiam os jogos do Atlético, havia oito atleticanos de Minas Gerais e cin-

co nativos da ilha, além de uns trinta simpatizantes. Todos beberam e dançaram demais.

Foi tudo muito divertido, tudo muito inesperado. Ao final, apontou em seu caderno: “Sobre o jogo: melhor nem comentar, deveria ser apagado da história (ou aprenderemos muito com ele?). A vida segue... Um viva a Galápagos, viva a Galópagos!”



No outro dia, mais abaixo, Miro escreveu: “Acordei com a camisa do Emelec, abraçado a uma tartaruga numa das ilhas

de Galápagos. De resto, eu não posso contar o que aconteceu ao longo da noite, seria muito forte”.

*Viernes*, pela manhã, ele já estava em Quito, já era hora de começar a voltar para casa. Ao acordar, ele se lembrou do sonho em que o tal poeta de Portugal lhe deixava um bilhete, um *recado*:

ouve-me  
que o dia te seja limpo e  
a cada esquina de luz possas recolher  
alimento suficiente para tua morte  
vai até onde ninguém te possa falar  
ou reconhecer – vai por esse campo  
de crateras extintas – vai por essa porta  
de água tão vasta quanto a noite.

\* \* \*

Fotografia: João Castilho.  
*Zoo*, 2017.

Poesia: Al Berto  
*Horto de incêndio*, 1997.